

TRADUÇÃO

Montags-Au

ler



Arthur Seyditz in Berlin.

Berlin, Montag, den 25. Januar 1886.

Sonntags-Telegramme.

Burg, 24. Januar. Das „Journal de St. Peters-
Nachrichten von einem demnächst bevorstehenden
te bezügl. der Abrüstung der Balkanstaaten und
geschlossen, bestehenden territorialen Verhältnisse
iren zu last. — Der „Graschdanin“ konstatiert, es
Zweifel, die Fürst Alexander die ihm zuge-
die russischen Offiziere beleidigenden Worte nicht

tinopel, 24. Januar. Die Pforte hat Madjid
sich mit dem bulgarischen Delegierten zu den
dlungen nach Bukarest zu begeben, und ihm
zugejand.

, 24. Januar. Wie verlautet, hat der englische Ge-
Minister, Lord Delhannis ein Telegramm
alsbury erreicht, in welchem erklärt wird, daß,
die Türken keine legitime Motive angreifen sollte,

„Klein Däumling“ notwendig ist, sieht sich Herr Direktor
Scherenberg veranlaßt, die Premiere der Meinigkeit, welche heute
stattfinden sollte, auf morgen, Montag, zu verschieben. Der künst-
lerische Ehrgeiz, es nicht auf eine Premiere ankommen zu lassen, die
möglicherweise nicht ganz fehlerfrei sein könnte, kostet Herrn Direktor
Scherenberg die Meinigkeit von etwa 4000 Mark d. h. den Ertrag der
voraussichtlichen Sonntagsseinnahmen einer Novität des Viktoria-
Theaters.

Politische Wochenschau.

Von Arthur Seyditz.

Die Anti-Monopolbewegung hat in fast ungeahnter Weise die
weitesten Kreise ergriffen und im ganzen deutschen Reich ist wohl
kein Städtchen so klein, daß darin nicht ein Meeting abgehalten,
eine Resolution gefaßt, eine Petition an den Reichstag unter-

> <https://doi.org/10.20396/proa.v13i00.18225>



Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen

Franz Boas

Tradução: Marina Cavalcante Vieira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

PROA

Revista de Antropologia e Arte



> Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen¹

Franz Boas²

Há muito tempo tornou-se moda trazer representantes de tribos estrangeiras para a Europa, para nos apresentar, na medida do possível, suas vidas e costumes. O filantropo pode muito bem ter dúvidas sobre a admissibilidade de tais exposições, ao ver sucumbir o pobre australiano ou o poderoso esquimó sob a influência do clima estrangeiro — quando alguns indivíduos são mais admirados por conta de sua construção corporal marcante do que por despertar no observador uma ideia vívida dos costumes e práticas do povo.

Figuras como os fortes Bella-Coolas estimulam-nos de forma completamente diferente. Nós devemos nossos sinceros agradecimentos aos corajosos viajantes Capitão Adrian e Phillip Jacobsen, que nos deram a oportunidade de ter uma visão sobre este círculo cultural exótico [*Kulturkreis*]. Assistimos aqui admirados a uma maravilhosa técnica no uso da faca de esculpir e do pincel, e a um senso artístico bem desenvolvido. As danças, que essencialmente constroem o conteúdo das apresentações, não são apenas interessantes através de uma notável regularidade das figuras, mas também por conta da música peculiar, que as acompanham ao fundo. Não observamos a um tão alto grau de desenvolvimento da arte da dança em nenhum dos inúmeros povos que aqui foram exibidos no correr dos anos. Como eles se movem graciosamente em grupos aprazíveis durante a “dança comunitária”; que fanatismo acende aos olhos, representado nos lábios bem abertos e nas selvagens contorções da dança canibal religiosa! Nos vimos em meio a um mundo estrangeiro, cujas concepções e costumes tomaram um curso distinto do nosso, mas aos quais nós temos que reconhecer um alto nível cultural [*Kulturzustand*].

Eu ousou apenas apontar o volume de coisas interessantes que são oferecidas ao observador.

A dança do chefe, com seu distinto ritmo em cinco partes — que como sempre é executada com tambor e baqueta — mostra a força dos movimentos e a variedade das formas de dança.

O festival da dádiva é o mais curioso. O mesmo é celebrado pelos Bella-Coolas, que aliás se autodenominam Kuxalkimj, geralmente por meses sem interrupção, com os pais das famílias revezando-se para convidar todos os companheiros da aldeia para a festa. Nas

¹ Texto originalmente publicado em 1886. Tradução de Marina Cavalcante Vieira, doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marina.cavalcante.vieira@gmail.com

² Como os nossos leitores devem se lembrar das contribuições anteriores do nosso autor, Dr. Franz Boas, ele próprio um dos destemidos exploradores do Pólo Norte, que conhece a terra natal dos Bella Coolas por experiência própria (Nota do editor do jornal, na versão original).

> Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen

saudações de abertura vemos o anfitrião, enfeitado com um chapéu de madeira entalhada, entrar e executar uma dança após o canto dos convidados. Em seguida coloca-se junto ao seu companheiro, que partilha solenemente os presentes. Frequentemente o chefe da casa gasta toda sua posse em tais festas, pois quanto maiores e mais ricos os presentes, o seu prestígio torna-se mais elevado. O presenteado, no entanto, procura se destacar na próxima oportunidade, retribuindo um presente ainda maior. Cobertores de lã e gorros artisticamente trabalhados são especialmente despendidos. Os convidados enfeitam-se com os últimos e encerram a festa com uma dança.

A coroação das apresentações é sem dúvida a dança Hamatsa. De acordo com os relatos do Capitão Jacobsen os Hamatsas são descritos como uma casta sagrada, cuja honra é conquistada através do jejum e autoflagelação. Tais sacrifícios, como dificilmente podem ser imaginados, também são submetidos ao jovem antes que ele seja aceito no filão dos guerreiros. Os Hamatsas afinal praticam o assustador costume de comer cadáveres mumificados, além de cães, e de morder as pessoas que encontrem, enquanto estão em estado de frenesi. Tal ferimento é considerado como honroso e desejável pelos Bella-Colas.

Suas danças são performadas com enormes máscaras de animais. Envolvidos em longas capas, os dançarinos pulam um após o outro na dança de roda, onde são conduzidos pelo canto uivado de um líder com uma enorme máscara humana. Algumas das máscaras tem mais de quatro pés de comprimento. Os homens são tão hábeis em imitar os movimentos dos animais que a dança se torna uma das imagens mais inesquecíveis e maravilhosas. Os bicos e bocas móveis das máscaras batem incessantemente.

O quão profundamente enraizada é a crença nessas formas religiosas entre os Bella-Coola, atestam as cicatrizes de mordidas, que muitos dos homens carregam à mostra nos braços e peito, das quais eles se vangloriam que os Hamatsa as teriam transmitido.

Pela mesma razão eles não se atrevem a exhibir aqui a temida Dança da Águia, na qual uma cruel regra os prescreve a matar imediatamente qualquer um que caia. O irmão de um dos homens aqui presentes morreu de tal maneira dois anos atrás.

A Dança do Tolo proporciona uma imagem extraordinariamente alegre e divertida. Aqui os homens também surgem com máscaras de representações humanas, que são muito menores. Com belas lanças ricamente esculpidas, dois dos homens atacam-se, habilmente desviando do oponente. Outros dois lutam entre si com outras armas e ao fundo vê-se uma máscara de lobo que executa movimentos indomados. As partes da máscara são móveis, e ora os olhos vagueiam selvagens, ora abrem e fecham as narinas.

> Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen

As apresentações são extremamente ricas e dão uma ótima noção de como os elementos religiosos e artísticos intervêm em todos os espaços do convívio social dessa curiosa tribo, que ganham destaque especialmente nas diversas festas.

Devido às apresentações dos índios, a rica exibição de utensílios ganha extraordinário interesse. Lá pode-se olhar calmamente todos os objetos, que foram contemplados antes em uso: as estranhas máscaras, os chocalhos, que representam cabeças humanas e de pássaros, os chapéus de dança esculpidos, os anéis de pescoço e cabeça feitos de bastão de cedro verdadeiro, o aparato mágico do xamã e etc.

Maravilhosos são alguns dos pilares das casas, que, esculpidos em troncos, representam a árvore genealógica. Não menos notáveis são os utensílios de pedra belamente lapidados, machados, martelos, tigelas e similares. O motivo recorrente de todas as decorações nesses objetos, bem como nas roupas, é um olho estilizado.

Um senso de arte altamente desenvolvido é expresso em todos esses objetos, e isso não é menos evidente na música e na poesia desse povo. A pequena canção de amor a seguir foi escrita por um dos homens aqui presentes:

“Meu coração está doente. Meu irmão deixou meu coração triste. Que hoje ele me roubou de minha amada, me faz chorar”.

A cultura peculiar deste povo está sendo rapidamente suplantada pela civilização invasora, e é de se temer que em muito pouco tempo nada dela restará. Devemos ser ainda mais gratos ao Capitão Jacobsen, que nos trouxe esta tribo, que é interessante não apenas para os homens de ciência, mas que também oferece ao leigo mais que uma mera satisfação da curiosidade e voyeurismo, já que as esplêndidas exibições destes índios permitem-nos ao mesmo tempo lançar um olhar profundo sobre o nível cultural [*Kulturstand*] dos povos da América do Norte.

Nota de tradução: Franz Boas conseguiu parte do financiamento de sua pesquisa para a expedição às Ilhas Baffin, em 1883 e 1884, junto ao jornal *Berliner Tageblatt*, com a condição de publicar artigos e relatos de sua viagem ao Pólo Norte, totalizando dezoito textos publicados nesse veículo. A descrição da performance Bella-Coola, traduzida acima sob o título “Os Índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen” é parte integrante desta série de artigos de jornais. Diferentemente da nota original publicada pelo editor do *Berliner Tageblatt*, Franz Boas não conhecia ainda, naquela data, a terra natal dos Bella-Coola.

> Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen

REFERÊNCIA

BOAS, Franz. Kapitän Jacobsens Bella-Coola-Indianer. **Berliner Tageblatt**, Berlim, ano XV, n. 48, 25 jan. 1886.

Submetido em: 21 maio 2023

Aprovado em: 08 fev. 2024

“Os índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen”, tradução de Marina Cavalcante Vieira, está licenciado sob CC BY 4.0.

